



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS – CAMPUS III
CURSO DE LETRAS**

AMANDA ROBERTA SILVA DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LEITURA E
ESCRITA NOS NÍVEIS FUNDAMENTAL, MÉDIO, E NA EJA**

**GUARABIRA-PB
2018**

AMANDA ROBERTA SILVA DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LEITURA E
ESCRITA NOS NÍVEIS FUNDAMENTAL, MÉDIO E NA EJA**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Edilma de Lucena Catanduba

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Amanda Roberta Silva dos.
Reflexões sobre o ensino-aprendizagem de leitura e escrita nos níveis fundamental, médio e na EJA [manuscrito] : / Amanda Roberta Silva dos Santos. - 2018.
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Língua portuguesa. 2. Ensino. 3. Escrita. 4. Leitura. 5.
Aprendizagem.

21. ed. CDD 372.62

AMANDA ROBERTA SILVA DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO APRENDIZAGEM DE LEITURA E
ESCRITA NOS NÍVEIS FUNDAMENTAL, MÉDIO E NA EJA.**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em : 22 / 02 / 18

BANCA EXAMINADORA

Edilma de Lucena Catanduba

Orientadora: Prof.^a Dr: Edilma de Lucena Catanduba

Juarez Nogueira Lins

Professor Dr: Juarez Nogueira Lins

Rafael Francisco Braz

Professor Ms: Rafael Francisco Braz

Sumário

Introdução	09
1. O Ensino de Língua Portuguesa no Contexto da Educação Nacional	14
2. Leitura e Escrita no quadro do ensino de Língua Portuguesa, e na Educação de Jovens e Adultos, caminhos do Letramento.....	17
3. A importância da leitura	18
4. A importância da Produção Textual	21
5. Em prosa ou em versos; a importância da literatura.....	22
6. Teoria e Metodologia no ensino de Literatura, Descrição de Aulas.....	25
7. Com a palavra alunos e professor	28
7.1 Abordagem e Análise de Pesquisa.....	28
8. Considerações finais	32
9. Referências Bibliográficas	35
Anexos.....	36

Resumo

Múltiplas são as problemáticas que rodeiam o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, e estas se referem à dificuldade na ampliação de espaços para leituras diversificadas, falta de bibliotecas que possam ser acessadas com frequência, além disto, há certa dificuldade concernente à disponibilização de formações continuadas aos professores atuantes, além de uma ineficiente disseminação de materiais de apoio, incluindo tipologias de gêneros diversificados para estudos em sala de aula. Certas problemáticas defasam, às vezes, de uma maneira tão corriqueira, que parece já ser natural o efeito que causam do eixo educativo, e isto é preocupante para professores de Língua Portuguesa, profissionais da área da Educação, e para a sociedade, que na figura de pais e, até mesmo de alunos, já despertados para a importância da disciplina de Português, levantam debates, questionamentos, e apontam prioridades. É preciso haver uma iniciativa especialmente, da parte governamental, para uma estruturação de novos objetivos, novas perspectivas, que supram as necessidades atuais neste panorama e consolidem um debate aberto e participativo da sociedade, incluindo pais e alunos. Levando em consideração essa realidade, este trabalho objetiva fazer uma reflexão sobre o ensino de Português, especialmente, sobre a importância da leitura e da escrita para o exercício da cidadania. Partimos do pressuposto de que ler e escrever são requisitos básicos para a aquisição de habilidades que tornem os indivíduos capazes de pensarem de forma crítica e cidadã na sociedade na qual se inserem. Assim, discutimos a leitura e a escrita no contexto da inserção do trabalho com gêneros textuais, com o letramento literário em especial com a poesia no sentido de apontar que o desenvolvimento da leitura e da escrita perpassam processos evolutivos e estão inseridos em contextos sociais específicos. E quanto ao letramento literário, é discutida a importância desse processo para a aquisição das habilidades referentes à atuação social mais ativa e dinâmica. O foco do trabalho refere-se à prática de ensino no nível médio e na Educação de Jovens e Adultos. Fundamentamos nossa pesquisa em estudos de autores como: KOCH (2003), RAMOS (1997), CAGLIARI (2000), PERROT (1990), PERINI (1985), BRANDÃO (2007), e BRASIL (2000), entre outros autores que discutem ensino de língua, leitura e escrita e também discutem a educação no Brasil. A reflexão que propomos neste trabalho apoia-se também em uma pesquisa de campo, realizada na cidade de Sapé- PB, em escola campo, pública, estadual, em modalidade técnica, de nível Normal. Assim, O *corpus* de análise do trabalho envolve pesquisa teórica dos autores já citados, e pesquisa em escola campo, incluindo preferências, dificuldades e êxitos no processo

de ensino-aprendizagem dos alunos, incluindo o olhar do professor regente, e do alunado. Para captação de outro ângulo para abordagem teórica, foi realizada ainda em escola campo, pública, municipal, através do estágio supervisionado a ministração de aulas que englobaram Literatura, com a abordagem das escolas literárias *Realismo e Regionalismo*, que serão descritas neste trabalho, tal ministração foi efetuada no município de Guarabira- PB, com o devido embasamento teórico. Este trabalho visa oportunizar a ampliação de novos horizontes para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, sob uma ótica de análise multifacetada, que permita reverberações educativas relevantes, no eixo proposto.

Palavras chave: Língua portuguesa, ensino, escrita, leitura, aprendizagem.

ABSTRACT

Multiple are the problems that surround the teaching-learning of Portuguese Language, and these refer to the difficulty in expanding spaces for diversified readings, a lack of libraries that can be accessed frequently, besides, there is some difficulty concerning the availability of continuing education to active teachers, in addition to inefficient dissemination of support materials, including diverse gender typologies for classroom studies. Certain problems fail, sometimes, in a way so common that seems to be natural the effect they cause of the educational axis, and this is worrying for teachers of Portuguese Language, professionals in the area of Education, and for society, that in the figure of parents and, even of students, already awake to the importance of the Portuguese class, raise debates, questionings, and point priorities. There needs to be an initiative, especially, on the government part, for structuring new goals, new perspectives, which meet the current needs in this panorama and consolidate an open and participatory debate of society, including parents and students. Considering this reality, this work aims to reflect about the teaching of Portuguese, especially on the importance of reading and writing for the exercise of citizenship. We start from the assumption that reading and writing are basic requisites for acquiring of skills that make individuals able to think critically and citizens in the society in which they are inserted. Therefore, we discuss the reading and writing in the context of the insertion of work with textual genres, with literary literacy in particular with poetry in the sense to point that the development of reading and writing permeate evolutionary processes and are inserted in specific social contexts. What about the literary literacy, discusses the importance of this process for the acquisition of skills related to more active and dynamic social action. The focus of the work refers to the practice of teaching at the secondary level and in the Education of Young and Adults. We base our research on studies by authors such as: KOCH (2003), RAMOS (1997), CAGLIARI (2000), PERROT (1990), PERINI (1985), BRANDÃO (2007), and BRASIL (2000) among other authors who discuss teaching of language, reading and writing and also discuss education in Brazil. The reflection that we propose in this work is also supported by a field research, performed in the city of Sapé-PB, at a public state school, in technical mode and normal level. Thereby, the corpus of analysis of the work involves theoretical research of the authors already mentioned, and research in school, including preferences, difficulties and successes in the teaching-learning process of the students, including the gaze of the teacher regent and of the students. In order to capture another angle

for a theoretical approach, was also performed in a public, municipal, school, through the supervised training, the teaching of classes that included literature, with the approach of the literary schools Realism and Regionalism, which will be described in this work, such ministry was performed in the city Guarabira-PB, with the theoretical basis. This research aims to provide an opportunity for the expansion of new horizons for the teaching-learning of Portuguese Language, under a multi-faceted analysis perspective, that allowing relevant educational reverberations, in the proposed axis.

Keywords: Portuguese language, teaching, writing, reading, learning.

Introdução

Ao iniciar a vida escolar aos quatro anos de idade, na década de 90, me deparei com os fundamentos básicos da educação: leitura e escrita. Minha experiência foi iniciada de um modo muito leve e motivador, havia o gosto pelo aprender e o desejo de descobrir algo a mais.

Todo aquele que ingressa em uma escola possui uma leitura de mundo diversificada, como aponta o grande estudioso Paulo Freire, em suas pesquisas, e o que nós estudiosos da área podemos constatar desde o início da vida escolar infantil, até o ensino de jovens e adultos. Assim, como os demais alunos da minha faixa etária, eu já possuía um cabedal de conhecimentos prévios consideráveis, por conhecer algumas letras, o que me permitiu ter o desejo e a curiosidade de querer ler os primeiros textos, e começar a escrever as primeiras palavras.

De acordo com Santos, na década de 80, ocorreram certos avanços para uma melhor qualidade no desenvolvimento das práticas educativas de leitura e escrita, que marcaram as novas gerações. Este marco acompanhou positivamente não só a mim, mas muitas outras pessoas. Conforme Santos (2007, p. 16),

O discurso da importância de se considerar os usos e funções da língua escrita com base no desenvolvimento de atividades significativas de leitura e escrita na escola foi bastante difundido a partir da década de oitenta.

Hoje, ao olhar para trás e fazer uma análise mais profunda de alguns momentos, já como professora da área, vem em mente a beleza e a riqueza dos primeiros contatos escolares com a descoberta dos primeiros traços de leitura, através dos quais passamos a enxergar melhor o mundo que nos rodeia.

Como fui alfabetizada criança, lembro que ao passo que aprendia me sentia mais madura, e mais curiosa. Um leque de possibilidades começou a se abrir, e com a alegria de quem aprende e o incentivo da família, nasceu o desejo de criar e partilhar com os outros a beleza, de aprender a ler.

Meus estudos foram iniciados em escola privada, nos primeiros anos da educação infantil, mas logo depois me encaminhei para o ensino público. Na primeira fase do ensino

fundamental, tive um estudo bastante consistente e pude ir amadurecendo cada vez mais o sonho de conhecer mais leituras, e escrever alguns textos. Eu ia desenhando um novo roteiro para cada estória, e gostava de repassar aos amigos, e o sonho ser escritora foi sendo alimentado.

Lembro que desde criança ia para outras salas, convidada pelas minhas professoras, para recitar e conversar sobre o prazer de ler e criar. Isto me marcou bastante de forma positiva. No decorrer das séries, apareceram surpresas e dificuldades. Entretanto, estas não destruíram o grande desejo de aprender mais sobre o Português, e superar os níveis naturais de dificuldade que surgem no processo de ensino-aprendizagem, ao avançar das séries.

No ensino fundamental, parte II, atravessei algumas sérias dificuldades pela falta de recursos e inúmeras greves, que traziam desmotivação a alguns alunos. Porém, por mais difícil que tenha sido esta fase, a vontade de transpassar as barreiras sempre foi mais forte, principalmente quando se podia ir às bibliotecas e pegar livros para não ficar a parte dos conteúdos. E por incrível que pareça, as fases em que tive um ensino escolar precário foram as que mais me dediquei à leitura, na minha própria casa.

Minha fase de ensino médio foi realizada em um Curso Normal, para formação de professores da educação básica. Nesta fase, pude ver de perto certas engrenagens que movem o ensino de Língua Portuguesa, em inúmeras pesquisas, leituras e estágios, que me colocaram por dentro do emaranhado de objetivos que norteiam o trabalho e as dificuldades com a leitura e a escrita. Nesta fase, pude refletir, concordar, e discordar de diversas atitudes que norteiam a educação brasileira, e pude compreender que oferecer um bom ensino de Português é uma tarefa preciosa cheia de fases e de importância substancial. E como pude passar cerca de dois anos como professora de turmas de alfabetização, denominado 1º ano, pude ter um olhar mais clínico em relação aos processos desta fase educativa, por passar a enxergar um novo ângulo educacional.

O apreço pela leitura sempre me acompanhou. Gostava de ler tudo em prosa e em verso. Mas, a poesia que nasceu em mim ainda nas séries iniciais, aflorou mais ainda na adolescência. Os poemas floresciam sobre muitos temas. Era preciso informar, dizer alto e mostrar a todos uma voz forte, de protesto, de amor e de sonho. Indiscutivelmente levei o gosto pela arte literária para as salas de aula em que atuei, foram inúmeras as poesias, as paródias, redações entre outros recursos que fizeram a diferença pela maneira como foram aplicados.

Hoje, reconheço que, infelizmente, existem dificuldades no ensino- aprendizagem do Português, pelo fato de não haver para todos, condições estáveis e favoráveis de aprendizado, principalmente na escola pública. É claro que são múltiplos os fatores que podem desencadear algum atraso no ensino das práticas de leitura e escrita. Desse modo, faz-se necessária uma reformulação em nível nacional de certos objetivos educacionais, que não são supridos, porque nem sempre a instituição escolar pode ser um local independente e ser mantenedora daquilo que a sustém, quando até mesmo os recursos materiais para o livro e outros materiais didáticos não estão disponíveis.

Nestes anos de estudo na universidade, pude aprender muito sobre superação, objetivos e ensino. Aprendi que nada é tão fácil como parece, e nada é impossível como possa aparentar. Descobri que a arte de usar palavras pode transformar muitas coisas e que muito além de notas, o aprendizado substancial é aquele que toca o interior do estudante, o fazendo protagonista de sua estória, e transformador do meio social em que está inserido. Sobre isso, Santos (2007, p.14) afirma:

O escritor Graciliano Ramos, em seu livro autobiográfico *Infância*, lembra que se alfabetizou – ainda no final do século XIX, início do século XX – através da carta do ABC em que primeiro aprendeu todas as letras para, só no final da carta, ter contato com os primeiros textos – alguns provérbios que, embora soubesse decodificá-los, desconhecia seus significados

Este fragmento retrata uma dimensão interessante sobre um método de alfabetização bastante tradicional. Na minha experiência como estudante, vivenciei situações em que o método mais veiculado se enquadrou bem nas minhas necessidades, apesar de ser extremamente tradicional, mas o mesclar com outros métodos que envolvam metodologias mais dinâmicas na aquisição da leitura, na atualidade é uma atitude muito mais válida, frente às exigências sociais no cenário educativo brasileiro. Entendi que, assim, cabe ao educador avaliar suas práticas de ensino e adotar práticas que favoreçam uma formação cidadã para os seus alunos.

Quanto a mim, nesta carreira na Licenciatura em Língua Portuguesa, pude me surpreender com os cenários diversos pintados entre as aulas. As coisas podem estar impulsionadas, e dependendo da postura que se incorpora em sala, o inimaginável pode acontecer. Minha experiência com a escrita transporta meu olhar educativo a uma nova dimensão. Aprendi que o sentido do que aprendemos é espelhado em nossas vidas com a

intensidade que o pintamos. É preciso sentir a vontade de crescer, evoluir e transportar ao mundo interno à intensidade que a expressão pode garantir. Podem surgir dificuldades, mas o que prevalece é o desejo de ir além e estudar técnicas que não permitam estagnação.

Hoje, depois da publicação do meu livro de poemas: “Fluxo Diário”, em 2014, eu pude perceber que o valor das coisas mais simples é o que nos fortifica e consolida, quando sentimos em nós a importância que a expressão pode impactar em cada pessoa. Leitura e escrita se complementam, e são indispensáveis, e é exatamente por isto que são tão importantes, funcionam como alicerce para os conhecimentos educativos e de leitura de mundo. É certo que é preciso tornar possível para o aluno o saber decodificar, entretanto é necessário alfabetizar inserindo a capacidade de letramento para que o leitor possa compreender e absorver ideias do mundo à volta trazendo o que é significativo, para dentro da sua realidade, trazendo nesta dimensão o que lhe é importante para constituição de uma identidade pessoal e social. Nesta perspectiva, saber manipular o código deve servir para transformar a sociedade para melhor. Leitura e escrita devem ser entendidas como ferramentas de independência pessoal, e transformação social.

Minha experiência para com o Português, coloco nas linhas desse trabalho, nesta reflexão, como uma resposta, uma contribuição que ofereço como leitora crítica do mundo, do ensino de Língua Portuguesa, do ensino de leitura e escrita, em especial no ensino fundamental e médio para todos que se interessam pela construção de uma sociedade mais justa através do aprendizado de sua língua materna.

Este trabalho tem como diretriz a abordagem da leitura e da escrita, dos gêneros textuais, do letramento literário em especial da poesia. A necessidade de abordar esta temática vem da importância destes tópicos, para a formação educativa consistente dos educandos deste país, essencialmente do Ensino Fundamental ao nível Médio. É primordial ter uma base de comunicação e expressão, sólida para alicerçar as demais áreas do conhecimento, pois leitura e escrita adequadas são primordiais para a assimilação dos conteúdos nas demais disciplinas e uma eficiente fundamentação para exercício da cidadania. O embasamento deste trabalho preza por explicitar as características do letramento, apontar diretrizes que possam fundamentar a prática, e proporcionar reverberações que gerem um efeito positivo para inovação na prática de Língua Portuguesa. Compreendemos que os alunos devem saber fazer a leitura do código, mas atribuir um sentido substancial a esse conjunto de letras é bem mais relevante, é o que realmente importa.

Acreditamos que a leitura favorece a escrita. O bom desempenho em leitura favorece o desenvolvimento da escrita e ambas favorecem o domínio do saber literário. Isto tudo representa conquistas que abrem portas para a aquisição de conhecimentos relevantes e indispensáveis para a educação como um todo.

No contexto dessa formação educacional desejada, ensinar Língua Portuguesa é bem mais que ensinar o código, as regras gramaticais. É simplesmente envolver-se com a Língua e deixar-se ser transformado por ela. Não existe ensino de Língua Portuguesa sem leituras consistentes, assim como não existe prática de escrita sem treino da capacidade leitora.

Saber discutir, criticar, dialogar, formular, ler, comparar, diferenciar, criar, reelaborar entre outros pontos é o que os estudantes a nível fundamental ao médio devem ser capazes de fazer. Não adianta treinar alunos para simplesmente manipularem gramáticas, lerem com toda mecanicidade e reproduzirem fundamentos desgastados. A Língua é criação e recriação, ela se transforma e transmite a vivacidade dos povos que fazem com que estes sejam realmente quem são. Assim, é essencial adentrar no mundo literário para melhor compreender a cultura dos povos, seu cabedal intelectual e humano. E isto se aplica tanto à prosa quanto à poesia.

Quanto mais se lê, mais se aprende a lidar com o outro, a compreendê-lo e tratá-lo com respeito e dignidade. Quanto mais a linguagem se insere nos indivíduos, mais os indivíduos são inseridos na linguagem. À medida que se aprende mais, a percepção humana se amplia e a educação progride. Assim, as competências de leitura e de escrita devem ser trabalhadas em todas as modalidades de ensino e em especial na Educação de Jovens e Adultos. Assim, considerando que a leitura e a escrita são ferramentas que abrem caminhos no combate aos déficits de problemas educativos em nosso país, neste artigo, hasteamos a bandeira por um bom letramento literário que funcione como farol que clareia a vida pessoal e social. A Educação de Jovens e Adultos tem suas dificuldades, e ao mesmo tempo suas particularidades que caracterizam essa modalidade de ensino. Em alguns casos, há certa resistência para assimilação de conteúdos, principalmente em adultos de idade mais avançada, que passaram mais tempo distantes da possibilidade de alfabetização, por exemplo. Mas, é a partir deste pressuposto de uma educação embasada na realidade de seus estudantes, neste caso, especificamente, que faz a diferença. É preciso incluir o contexto de inserção social do discente. É preciso ensinar aquilo que lhe faz sentido, o que está próximo da sua realidade. Uma dificuldade presente na EJA é também o próprio cansaço físico, que por vezes, os estudantes apresentam, pela rotina de trabalho que desempenham, e é justamente aí que entra

a necessidade de uma prática que ensine para a vida, com fundamento naquilo que se vivencia diariamente, seja nos afazeres diários e/ou no trabalho. De tal modo, é perceptível que a problemática que abarca o Ensino de Jovens e Adultos requer um olhar sensível e consciencioso, mostrando que é preciso refletir sobre ela, para reformulações que valorizem acima de tudo um aprendizado que garanta dignidade e contextualização.

Apoiando-nos em textos de autores como: KOCH (2003), RAMOS (1997), CAGLIARI (2000), PERROT (1990), PERINI (1985), BRANDÃO (2007), entre outros, dividimos nosso trabalho em sete capítulos. No primeiro capítulo, intitulado: “O ensino de língua portuguesa no contexto da educação nacional”, falamos sobre a importância do ensino de Língua portuguesa para a educação do povo. No capítulo dois, intitulado: “A importância da leitura”, apontamos o desenvolvimento da competência leitura como propulsor de conhecimentos que podem auxiliar a reduzir problemas elencados no contexto do ensino cidadão. No terceiro capítulo, denominado: “A importância da produção textual”, apresentamos a escrita como o elo da cadeia do conhecimento da língua essencial para o exercício da cidadania. No quinto e sexto capítulos, trazemos à tona a literatura e em seu contexto, a poesia como manifestação artística da linguagem e falamos de como é possível e necessário ler e escrever textos literários dentro da escola e para além de seus muros. No sétimo capítulo, expomos uma pesquisa sobre as dificuldades enfrentadas por alunos e professores, dando-lhes a palavra sobre a leitura e a escrita na sala de aula. No último ponto, tecemos as considerações finais de nosso trabalho. Nesse tópico, foram resgatados pontos cruciais dos resultados da pesquisa e realizada uma reflexão sobre a importância desse trabalho para a vida acadêmica, para o amadurecimento não apenas da pesquisadora como pessoa, como professora e como poetisa, mas dos estudantes e professores de um modo geral, especialmente aqueles envolvidos com o curso de Letras e para os estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa.

1. O Ensino de Língua Portuguesa no Contexto da Educação Nacional

Nesse capítulo, falamos sobre do desafio da escola no tocante à tarefa de oferecer aos alunos uma educação para a vida, para a construção da cidadania. E nesse contexto escolar, situamos o ensino de Língua Portuguesa. Discutimos como se dá o ensino dessa disciplina hoje. E abordamos o ensino da leitura e da escrita como basilares para a concretização de um ensino transformador em nosso país.

Desde o início da humanidade, os seres humanos sentem a necessidade organizacional de reproduzir certos modos de convivência, e conduta de práticas que sempre puderam nortear papéis e funções para os indivíduos no meio social, em que se vive. É interessante apontar que a organização social se deu através das divisões em classes, de acordo com o poder econômico. Isso gerou desigualdade social em vários aspectos, dentre eles o nível educacional, o que é explicitado por Brandão (2007, p.27), que expõe o seguinte:

Mesmo em algumas sociedades primitivas, quando o trabalho que produz os bens e quando o poder que reproduz a ordem são divididos e começam a gerar hierarquias sociais, também o saber comum da tribo se divide, começa a se distribuir desigualmente e pode passar a servir ao uso político de reforçar a diferença, no lugar de um saber anterior, que afirmava a comunidade.

Estas proposições destacam que situações de discriminação e desigualdade social são extremamente comuns no eixo social no qual estamos inseridos, principalmente quando existe a exclusão educativa. Quando isso ocorre são desencadeadas as injustiças, e as explorações, e assim as lacunas sociais são expandidas em uma proporção alarmante.

A Educação é, verdadeiramente, essencial para consolidação de uma base educativa que sustente a constituição da cidadania. As práticas educacionais disseminam valores sociais e podem reforçar as desigualdades sociais. No cenário nacional da educação, o ensino de Língua Portuguesa também tem o desafio de promover transformação social pois, quando o sujeito domina habilmente as ferramentas linguísticas das quais disponibiliza para a comunicação e o posicionamento social, ele passa a exercer sua cidadania.

A aquisição de uma língua representa um processo primordial para à consolidação de uma identidade cultural, visto que o domínio da língua é fundamental para a adesão a uma cultura. A aquisição da língua por um indivíduo favorece sua adequação no seio de um povo, e conseqüentemente nas práticas do discurso social desse povo, que variam conforme a ideologia dos grupos sociais.

A abordagem da linguagem na escola deve representar para o aluno, o desenvolvimento de uma poderosa ferramenta de interação, de libertação e de transformação. Entretanto, o ensino da norma gramatical padrão como única possibilidade “correta” de uso da língua pode gerar preconceito, rótulos sociais preconceituosos e segregações. Ao contrário disso, a aquisição e desenvolvimento de uma língua deve favorecer a inteligência e ser uma ponte para o crescimento da interação entre os povos e para gerar uma conduta de paz entre as pessoas. Para a efetivação de uma conduta de paz entre os povos, é preciso que as engrenagens linguísticas, sociais e históricas tenham como eixo de funcionamento o respeito, o diálogo, e principalmente a tolerância à culturas diversificadas.

Assim, para ensinar Língua Portuguesa, é preciso assegurar ao alunado, conteúdos que os afirmem como seres sociais, e não como simples decodificadores de signos. É preciso incorporar aos conteúdos a criticidade, como dinâmica de formação para a inserção social, de um sujeito transformador e crítico, capaz de lutar contra injustiças e desigualdades sociais.

Não adianta focar apenas nos conhecimentos gramaticais e ortográficos, sem oferecer ao alunado os meios para que ele possa atribuir significância ao que estuda, no contexto da sua esfera social e pessoal. Os conhecimentos devem ser relevantes para a vida. Embora saibamos que nos comportamentos diários, situações que necessitem de leitura e escrita, são extremamente recorrentes, a escola tradicional ainda ocupa-se muito com o ensino da gramática descontextualizada, com o ensino da ortografia através de longos e repetitivos exercícios. Mesmo uma breve observação do processo de ensino-aprendizagem nos permite ver que o cenário ainda é tradicionalíssimo.

Precisamos cada vez mais de pessoas que saibam opinar, e utilizem uma postura crítica. A educação voltada para a vida social é uma urgência, e exigência para uma postura cidadã transformadora. Assim, é um equívoco investir em uma educação linguística focada unicamente no domínio do código. A escrita e a leitura são pilares essenciais para a fundamentação de uma educação eficiente e produtiva. Porém, apesar de múltiplas implementações de políticas públicas de ensino, os números de déficits na aprendizagem dos conhecimentos de leitura e escrita, ainda continuam sendo altos. Essa situação, muito preocupante, revela a questão dos prejuízos na aprendizagem de Língua Portuguesa e torna clara a necessidade de que a escola faça uma revisão de suas práticas de ensino, visto que uma educação que não progride no âmbito dos conhecimentos da própria língua materna, é uma educação falha. Conforme nos afirma Martins (2006, p. 34),

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Educadores conscienciosos preocupam-se com a educação que propiciam aos seus discentes. Não adianta “tapar o sol com a peneira”, quando os clamores sociais, e humanos de um modo geral, assinalam a todos as urgências da concretização de uma educação para a efetiva cidadania e para isso o ensino de Língua Portuguesa é essencial.

Resumir o ensino de Língua Portuguesa a leituras de cartilhas, livros distantes da realidade, e memorização é extrair a substancialidade da prática educativa. Ensinar, essencialmente em séries iniciais, é abrir espaço para lúdico, para a criação, para a investigação, e para a ampliação das potencialidades dos discentes.

Nesse panorama do ensino de Língua Portuguesa, no contexto educacional de nosso país e especialmente no tocante ao ensino de leitura e escrita, situamos a Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre o que passamos a tratar no tópico seguinte.

2. Leitura e Escrita nos quadro do ensino de Língua Portuguesa, e na Educação de Jovens e Adultos: caminhos do letramento.

Os discentes, essencialmente os da modalidade da EJA, representam um público alvo que possui uma carga significativa de conhecimentos prévios, visto que os alunos da EJA movimentam-se nas engrenagens que permitem sua vivência social, e sob certo ângulo, constroem uma dimensão notável de interação com a linguagem e através dela.

Através do ensino de leitura e de escrita, os alunos da EJA ampliam a capacidade de vislumbrar novas diretrizes para a construção de uma identidade voltada para a dignidade e para a cidadania. Aprender a ler e escrever ajuda a despertar-lhes para o desenvolvimento de múltiplas competências humanas, para que possam afirmarem-se e reafirmarem-se como agentes transformadores no sentido do progresso social.

Para o êxito do Ensino de Língua Portuguesa, nos níveis fundamental e médio, é necessário haver um alicerce sólido, quanto às séries iniciais, quanto à alfabetização. Sobre essa questão, Cagliari (2000, p. 5) afirma que:

A alfabetização tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a educação, já que há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem, as inúmeras reprovações e a evasão escolar.

As lacunas que surgem na alfabetização e no ensino fundamental defasam a educação e podem acompanhar o sujeito pelo resto de sua vida escolar, atrapalhando-o em situações importantes de sua atuação social. De acordo com o rendimento nessa etapa, os discentes levarão para a vida inteira suas experiências de êxito ou fracasso, desencadeando nas séries posteriores bons ou maus resultados. Assim, o educador deve refletir quanto às suas práticas de ensino, visto que em um ponto inicial, especialmente, alfabetização, seja de crianças ou na modalidade EJA, é preciso ser desenvolvida uma contextualização eficaz dos conteúdos. É necessário redimensionar o processo de alfabetização no contexto das práticas de letramento, principalmente no que diz respeito ao aluno da EJA que muitas vezes já está imerso no mundo profissional. Tais práticas, que na realidade, sempre existiram na sociedade, têm sido melhor compreendidas, têm recebido mais atenção dos estudiosos. Segundo Santos, (2007, p.46),

“Letramento” é um termo relativamente recente, visto que surgiu há cerca de 30 anos, e nomeia o conjunto de práticas sociais de uso da escrita em diversos contextos socioculturais. Tais práticas de letramento sempre existiram nas sociedades letradas, ou seja, nas sociedades que fazem uso da escrita. É preciso, portanto, atentar para o fato de que o conceito de letramento, como prática social de uso da escrita, não é algo criado pelos meios científicos sem relação com o mundo que nos rodeia. Menos ainda se trata de um método de alfabetização, como equivocadamente alguns professores passaram a compreendê-lo. As práticas de letramento são um fenômeno existente

na realidade, que passou a ser estudado, tendo sido nomeado e definido.

Letrado é aquele indivíduo que, sem embaraço, domina certas esferas de atividade. O letrado sabe ler e desempenhar atividades com desenvoltura. Uma pessoa que escreve bons textos, obviamente é letrada. Uma pessoa que consulta e pesquisa preços de produtos em supermercados também possui um determinado letramento. Em contra partida, os analfabetos são aqueles que não dominam o código de escrita e leitura. Não ler, não escrever e não desempenhar atividades que envolvam leitura e escrita é o que acarreta o analfabetismo. Há também, o analfabeto funcional. Trata-se daquele sujeito que possui um nível escolar considerável, mas não obtém êxito em leituras cotidianas, ou interpretações textuais. Apesar de conhecer as letras, não consegue atribuir valores a textos, não lê e não escreve funcionalmente.

As esferas do letramento são amplas. Partindo do letramento escolar, ao letramento digital, múltiplas são as suas aplicações. De acordo com Santos (2007, p. 16-17),

No Brasil, o termo letramento não substituiu a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela. Podemos falar, ainda nos dias de hoje, de um alto índice de analfabetos, mas não de “iletrados”, pois sabemos que um sujeito que não domina a escrita alfabética, seja criança, seja adulto, envolve-se em práticas de leitura e escrita através da mediação de uma pessoa alfabetizada, e nessas práticas desenvolve uma série de conhecimentos sobre os gêneros que circulam na sociedade.

Para o autor, letramento é sinônimo de avanço e de autonomia. A pessoa letrada possui um patamar mais relevante do que aqueles que não leem, nem escrevem. A dominação da escrita e leitura na perspectiva do letramento representa um tipo de aquisição de poder. Quando é letrada, a pessoa opina sobre o mundo, situa-se nele como sujeito atuante e transformador de sua realidade.

3. A importância da leitura

A leitura, em certos momentos históricos foi restrita a elite, somente os ricos podiam ter acesso aos clássicos, enquanto alguns mal podiam atribuir significado às letras. Essas percepções foram transformadas com a História e revoluções.

Estamos sempre fazendo muitas leituras, e nem sempre voltadas para signos, códigos. Por vezes, lemos expressões, gestos, cores, formas. Isto precede toda a habilidade de decodificar signos verbais escritos. É interessante compreender que, existem múltiplos tipos de leituras, não apenas de códigos de escrita, que se complementam e favorecem a aquisição de conhecimentos linguísticos. São leituras de mundo. E os alunos da EJA, jovens e adultos, mesmo que ainda não alfabetizados, realizam leituras antes de ingressarem na escola.

Segundo o grande educador Paulo Freire, as leituras de mundo precisam ser consideradas. Assim, é necessário reconhecer que o público alvo, essencialmente da Educação de Jovens e Adultos (EJA), possui um cabedal considerável de conhecimentos prévios que devem ser considerados no contato com a escola.

Sob a ótica da leitura de mundo, segundo Martins (2006, p. 07), é possível “fazer a leitura, de um gesto, de uma situação; ler a mão, ler o olhar de alguém, ler o tempo, ler o espaço”. Isso indica que o ato de ler extrapola os limites da escrita. Engloba elementos verbais e não verbais. Assim, entendemos que, há diversos tipos de leituras. Não é apenas pela decodificação de itens linguísticos que são absorvidos conhecimentos. Há formas diversificadas de leitura e também diferentes objetivos para ela. Ler pode ser uma forma de lazer, assim como pode ser uma tarefa técnica que envolva grande dedicação.

Ler é ferramenta essencial para a aquisição de conhecimentos. E o que dizer, quando em uma escola, provavelmente tradicional e pública, tranca-se a biblioteca em um regime restrito de acesso? Esse tipo de paradoxo é algo muito sério, pois se na escola existe a vertente de pesquisa como peça chave, é difícil imaginar o êxito em um cenário como este. É certo que estamos na era da internet acelerada, mas é importante dizer que a forma palpável do livro impresso mantém-se firme e usual, o *cyber* espaço não conseguiu superar a funcionalidade prática dos livros. E, é exatamente por esse tipo de resistência, que há a necessidade de abrir as portas das bibliotecas, e escancarar os livros, em uma forma construtiva de manter a literatura como manual de se ter à mão.

Segundo Cagliari (2000, p. 154), “Algumas escolas têm bibliotecas, e guardam os livros como se fossem pedras preciosas trancadas. Para que serve uma biblioteca de escola, se os alunos tem tanta dificuldade em usá-la?”. Para o autor, não adianta divulgar uma ideia educativa quando as próprias ferramentas de apoio são negligenciadas. É preciso ler adequadamente, reconhecer e aplicar preceitos literários, mas quando não é dado um subsídio quanto a isto, esse objetivo não efetiva-se.

Para que a prática da leitura e da escrita possa seja efetivada é importante uma contextualização adequada das metodologias aplicadas em sala de aula, visto que desde a proposição dos primeiros gêneros textuais, é preciso haver escolhas didáticas adequadas às necessidades de seus leitores. No caso das de crianças, por exemplo, livros ilustrados despertam maior interesse. Um leitor mais experiente faz leituras de textos mais longos e até mesmo sem ilustrações. O fato é que, com o transcorrer do tempo, a procura de leituras mais

objetivas, nas quais se possa apoiar é necessária, para resolução de questões escolares, pesquisas diversas ou pelo simples prazer de ler. Gradativamente as dimensões das leituras são ampliadas e a vivência progride.

Assim, ensinar a ler pode ser um ato de extrema pobreza, quando o educador não adota práticas que possibilitam a leitura de gêneros literários. Isso nega ao leitor o prazer de ler textos literários. Além disso, o professor perde a oportunidade de trabalhar com essa faceta dos gêneros como ferramenta importante para o ensino- aprendizagem da leitura.

É preciso lembrar que a capacidade de ler é muito mais que uma exigência curricular. A vida cotidiana exige a leitura. Segundo Martins (2006, p.33), “A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido- seja escrito, sonoro seja um gesto, uma imagem, um acontecimento”, e isto implica que a leitura deve ser sinônimo de entendimento, o que foge disto é mera mecanicidade, simples olhar sem atribuição de significância, ato vazio de sentido. No ato da leitura, o leitor interage com outra(s) pessoa(s). Ele desprende-se de si e permite-se olhar o que o outro vê, cria ou recria. O leitor não sai de cena, ao contrário, ele dinamiza suas percepções.

Sob esta ótica percebe-se que dar aulas de Língua Portuguesa, produtivas e dinâmicas, principalmente na área de Literatura, visando essencialmente turmas do ensino médio, que irão fazer provas de seleção, como o ENEM, por exemplo, e Vestibulares. É claro que o gosto pela literatura deve ser cultivado de forma prazerosa, mas é inegável que o domínio da linguagem, como ferramenta técnica, precisa ampliar-se para a constituição de um potencial teórico efetivo.

O leitor precisa sentir vontade de entender e compreender caracteres fundamentais das obras literárias, e isto faz parte do despertar para a cultura, para a Literatura, e para as artes de um modo geral. Isto não quer dizer que o estudante não possam sentir sua própria impressão textual, mas é importante que ele saiba distinguir idealizações emotivas de certos textos, de fundamentações teóricas que conferem ao leitor capacidade de analisar criticamente os textos lidos. É preciso ter um olhar educativo bem treinado, que possa favorecer, desde as séries iniciais, um “relacionamento saudável”, com a leitura de livros. Quanto mais diversificados os espaços para a interação com textos, muito mais expandido será o leque de conhecimentos e de experiências com a linguagem, com a produção textual.

4. A importância da produção textual

Quanto às práticas de ensino de produção textual, é importante que o professor esteja atento à veiculação de textos variados em sala de aula. Propor a produção de redações na constante afirmativa de desenvolvimento da escrita é algo interessante, mas, se as aulas se restringem a um único tipo de produção textual, o ensino acaba defasado. Não é suficiente abordar somente a escrita ortográfica, como também não adianta sistematizar os conteúdos em uma única atividade de ensino. É claro que a ortografia é necessária, e o estudo dos gêneros também. O que se pretende é um equilíbrio que rompa paradigmas e favoreça a aprendizagem da escrita.

É extremamente importante produzir textos na escola. E quando Produções de textos são contextualizadas resultam em aprendizagem. Assuntos e gêneros diversificados podem ser trabalhados nas aulas de produção textual. As aulas podem abarcar temas da disciplina de história, matemática, ciências, e assim por diante. A ordem é enriquecer as aulas e fortalecer laços com outras áreas, o que acaba por expandir a rede de possibilidades em um trabalho docente com a produção textual.

De acordo com Ramos (1997, p.13),

Quando se fala em produção de textos, pensa-se logo em redações. A redação típica é apenas um dentre os múltiplos tipos de texto produzidos pelos alunos. Falo isso por que estarei assumindo a noção de texto como estado de interlocução, o que por sua vez, me leva a incluir no rol dos textos, tanto as redações escolares, como cartas, bilhetes, anotações em diário, e também as conversas do aluno com colegas, pais, professores, etc..

De acordo com o texto, escreve-se para alguém ler. Nesse contexto, a produção textual deve apresentar significância genuína. Pensando em quem vai lê, o aluno escreve seu texto e sente a necessidade de junto ao professor “corrigir” o texto, revisá-lo e adequá-lo cada vez mais. Sobre isso, Ramos (1997, p.13), propõe o seguinte:

Sem um destinatário real, (isto é, sem alguém para quem o texto deveria ser claro e relevante), as anotações feitas pelo revisor tornam-se inócuas, pois não haverá por parte do aluno, nenhuma motivação para levar tais anotações a sério e refazer seu texto.

Revisar textos por revisar é como mecanizar a escrita, enquanto que um bom acertamento de ideias com objetivos específicos abrilhanta a prática. Quanto mais o conteúdo

educativo se aproxima de uma ação comunicativa direta, maiores são os ganhos no processo de ensino-aprendizagem. Para que o texto do aluno cumpra seu objetivo de dialogar com o leitor, muitas vezes, é preciso revisá-lo. O professor pode sugerir alterações desde a ortografia a coesão e coerência, até em aspectos discursivos para que o texto ganhe vida própria e se expanda.

Assim como o ensino de leitura, o ensino de produção de textos pode utilizar gêneros textuais diversificados. O trabalho com os gêneros é um dos grandes passos para o desenvolvimento de um ensino participativo e produtivo, de leitura e de escrita porque permite prezar por um ensino contextualizado com as vivências sociais.

.Os gêneros textuais devem ser utilizados como ferramentas multifacetadas, que permitem ver a Língua Portuguesa como ferramenta utilitária, globalizando-a como instrumento indispensável à vida. A diversificação no ensino de gênero atribui um sentido perspicaz à linguagem, isto revela que uma prática que desencadeie e desperte uma atribuição significativa, molda a verdadeira funcionalidade do ler e escrever.

Assim, na perspectiva do reconhecimento da importância do trabalho com os gêneros, no tópico seguinte trataremos sobre prosa e poesia.

5. Em prosa ou em verso: a importância da literatura

Envolver-se com literatura é libertar-se, recriar a realidade, se redescobrir como pessoa, e manipular técnicas de produção textual que renovem as práticas escolares. A arte enobrecer a vida, e a vida com arte literária é dinamismo e recriação.

Desde os primórdios da humanidade, houve a necessidade de registrar acontecimentos, criações, fantasias, e aspectos culturais. Viver por viver nunca foi a melhor maneira de existir. Desde muito tempo, foi preciso revelar manifestações artísticas, como expressão do eu, e do coletivo cultural, que viabilizaram a criação da arte e especial da literatura. Para Souza (2007, p. 08), “devemos dizer, que a literatura é um produto cultural que surge com a própria civilização ocidental, pelo fato de que textos literários figuram entre os indícios mais remotos da existência histórica da civilização”.

Mesmo antes do surgimento da escrita, sempre houve a necessidade de demarcar o que se vive com cor e sentido. As próprias pinturas rupestres exemplificam isto. A vida transformada em arte tem marcas que a definem. Assim também é a Literatura. Quanto mais o

ser humano evolui, mais sente a necessidade de mostrar ao mundo criações que representem a riqueza das expressões que comunicam vida.

A literatura abre inúmeras possibilidades de interações pessoais e externas para com os textos. Quando se refere a séries de ensino médio, a literatura deve ser capaz de quebrar paradigmas, até mesmo para estudo de momentos históricos, através da transversalidade de temas. Mas, o certo é que ler enriquece o cabedal cognitivo de quem se permite provar das fontes da Arte. A História brasileira é dissertada abertamente em livros como *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Quincas Borba*, *Iracema*, *A Viúva*, de José de Alencar, entre outros diversos, que em sincronia com leituras paralelas de outros conteúdos, favorecem o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Contextualizar Literatura é se encantar com ela, perceber a sua beleza e a sua nobreza, visto que em muitos textos, é da própria pobreza que a riqueza se levanta. A pobreza mais fria é a falta de arte, e o desconhecimento da literatura torna as pessoas menos esclarecidas, enquanto que o domínio e o interesse por essa arte, alimentam com cultura e saber aqueles que se permitirem provar.

Quando uma escola nega ao discente o privilégio de ler obras literárias, é como negar alimento a quem necessita. A literatura tem o poder de nutrir o intelecto e ampliar a inteligência. Para que seja implantada uma conduta leitora, há a necessidade de implantação de projetos que viabilizem um investimento na cultura, e na educação literária. O progresso requer ação-reflexão. Possibilitar novos avanços nesta área, é refazer o trajeto educativo, moldando-o com sucesso.

No âmbito do trabalho com a literatura, estacamos o gênero poesia. Acreditamos que a poesia deve ser ensinada na escola em etapas coerentes com o ritmo de ensino, série e faixas etárias. Mas, é necessário, antes de tudo, definir esse gênero. Souza (2007, p.44) apresenta algumas definições de poesia:

1. Gênero de literatura caracterizado pelo uso do verso, da linguagem metrificada, oposto ao gênero chamado prosa;
2. Literatura, englobando as manifestações tanto da linguagem metrificada, oposto ao gênero chamado prosa;
2. Literatura, englobando as manifestações tanto da linguagem metrificada quanto em não metrificada, desde que tais manifestações se reconheçam propriamente consideradas artísticas ou ficcionais.

O ensino de poesia em sala de aula, além de todas as aplicações habituais, funciona como uma “válvula de escape” que viabiliza a prática de leituras, e técnicas que possibilitem o aflorar de novas perspectivas e expansões ideológicas que permitam aos estudantes o desenvolvimento de suas capacidades como sujeitos dinâmicos, para que possam utilizar a arte de criar poemas, envolvendo-se com eles e os reverberando.

Os cenários deste tipo de produção literária favorecem as possibilidades de múltiplas interpretações, e atribuição de impressões substanciais. Para Chalhub (2005), o texto poético pelo seu caráter plural, favorece o diálogo entre sujeito cujas vozes alternam-se. Nas palavras de Chalhub (2005, p, 05),

Seja a existência de um poema um jogo de produção e recepção: alternam-se os lugares do poeta e leitor resistem a obra. No ato de leitura, que dá vida ao texto, percebe-se este receptor, criando de novo, e desde sempre- os plurais sentidos ali expostos.

A leitura de poesia, além de toda recomendação educativa, equivale a uma conquista de um prazer pessoal que acarreta na ampliação da intelectualidade. A poesia quando trata de apresentar suas próprias categorias e formas, mostra a si mesma, e apresenta o leitor e o poeta, em um exercício de fixar o que é impossível de descrever fielmente, se não for com o jogo de palavras sugerido. A poesia pode ser simplesmente descrita, mas quando ela é utilizada como a própria disseminação de si mesma, a riqueza na arte se manifesta pura em si mesma, e quem lê só tem a ganhar.

O fenômeno da plurissignificação na poesia é claramente evidenciado. A riqueza de possibilidades assumidas por um poema ultrapassa totalmente simples fronteiras. A poesia por si mesma pode explicar sua natureza e ensinar, “por dentro de si mesma”, o que ela realmente representa. É uma função de um movimento cíclico, para contar sobre si mesma. Estilo e função embelezam a poesia e ela não se desgasta por si mesma.

Levar textos poéticos para sala de aula, e permitir a produção textual deste gênero favorece a liberdade do pensamento. Motivar a criação de poesias, sejam como forem, faz bem para a prática da escrita e para despertar o interesse por lidar com a poesia e compreendê-la.

Para falar sobre a poesia, alguns poetas citam as expressões brincar com palavras, recriar palavras e dar vida a elas. O certo é que a poesia como arte possui o efeito de organizar

subjetivamente ideias que renascem em cada um que lê ou que escreve como uma força diversificada, que só permite que o leitor enriqueça cada dia mais.

A escrita poética trabalha também com ritmo. O eu lírico enquanto agente das poesias mais intimistas revela uma face desta modalidade artística, enquanto aspectos como a forma, por exemplo, despertam outro tipo de apreensão. Sendo os mais diversificados, por mais que representem imagens inusitadas, quase sempre despertam no leitor percepções variadas, e esse é o caráter que nomeia a poesia como arte da subjetividade. Registrar por registrar é uma ação pertinente a muitos, mas registrar com poesia é um prazer saudável e essencial à vida como manifestação cultural.

Ler e escrever são duas vias que constroem a arte poética, nestes casos, a leitura passa a tatear o leitor, e aquele que escreve passa a ser “tripulante”, em um ofício nobre que pode ser desfrutado por estudantes, independente de qualquer tipo de preconceito que aprisione este tipo de compreensão e sobretudo manifestação da linguagem.

A criação poética satisfaz, recria, inventa e cria estranheza. A capacidade de evoluir, transformar e enriquecer que a língua possui perpassa um leque de capacidades que convencem e traduzem linguagens praticamente indizíveis se a poesia não fosse Arte. O fazer poético acorda a criticidade e favorece a interpretação. Vale a pena ler, vale a pena deixar-se mergulhar no grande mar que é a poesia.

O tópico a seguir abarca as questões sobre a experiência vivenciada na prática, quanto a aulas de Língua Portuguesa, dentro das exigências do curso.

6. Teoria e Metodologia no ensino de Literatura, Descrição de Aulas

No mês de novembro de 2017, cumprindo as exigências curriculares acadêmicas, realizei o estágio supervisionado referente à 3ª etapa da sequência de períodos de atuação nas escolas-campo. Ministrei aulas que, na minha opinião, surtiram um bom efeito e abriram novas perspectivas, capazes de fornecer novas reverberações.

Os conteúdos aplicados durante o período de desenvolvimento das aulas ministradas foram referentes à Literatura. Na turma do 2º ano, trabalhei com o Realismo e no 3º ano, com o Regionalismo.

As aulas foram planejadas de acordo com as exigências propostas, através de uma pertinente pesquisa em materiais didáticos, adequados ao nível dos estudantes. Cada turma

tinha cerca de 20 alunos, em faixas etárias diversificadas, incluindo de jovens a adultos. Os estudantes foram bastante participativos nas considerações e as aulas foram harmoniosas. Houve receptividade das turmas e o acompanhamento do professor regente foi muito importante. A equipe de direção da escola campo mostrou-se bastante receptiva com relação ao desenvolvimento do estágio. E ofereceu um tratamento solícito e bastante interativo. Quanto aos dados necessários, para desenvolvimento do trabalho de estágio não houve nenhum empecilho, as ações foram de aceitação.

Foi realizado o levantamento de conhecimentos prévios dos estudantes, que assim foram inseridos devidamente na contextualização das temáticas. Partimos do pressuposto de que a realidade social e pessoal do alunado deve ser considerada conforme nos ensina Paulo Freire, valorizando-se assim, a visão de mundo antes da leitura da palavra. Em ambas as turmas, as aulas foram iniciadas com o levantamento de conhecimentos prévios dos discentes. Em seguida, houve uma aula explicativa, e uma oficina dinâmica, denominada “dinâmica do Completar”. Fichas com perguntas e respostas relacionadas aos conteúdos foram devidamente organizadas, com a distribuição de balas, em uma abordagem lúdica e descontraída a fim de animar o alunado.

Além das explicações sobre os conteúdos abordados, foi também dimensionada a importância da literatura como ferramenta de estudo, mas também como passaporte para o lazer, e o enriquecimento pessoal e social. Foram declamadas poesias com o intuito de despertar na turma um aprimoramento das práticas de leitura, neste foco os poemas autorais publicados em meu primeiro livro, de poesias, foram devidamente repassados para as turmas, com grande receptividade.

O estudo dos conteúdos foi realizado com o devido embasamento teórico, fundamentado. Na turma do 3º ano, a temática trabalhada foi sobre a escola literária “*Regionalismo*”. O ponto de partida dos estudos foi a definição de Amaral (2010, p.100):

Regionalismo - tendência literária que focaliza costumes e tradições de uma região e utiliza, muitas vezes, as linguagens locais; sendo assim nestes moldes toda a complexidade das localidades influencia diretamente o viver, o ser e o sentir das pessoas, nos mais diversos contextos socioculturais.

Alguns alunos se posicionaram e dialogaram sobre os estudos aplicados gerando um bom debate, visto que o Regionalismo tende por levantarem a bandeira de questões sociais muito bem delineadas, e conhecidas muito bem pelo alunado, principalmente, quando as

temáticas em estudo abordaram aspectos como a seca no nordeste, temática recorrente de certas obras regionalistas, e que o público alvo apresentou certo conhecimento prévio, mesmo sem a leitura de obras assim, mas pela experiência de vida, e leitura de mundo.

Quanto às turmas do 2º ano, os procedimentos foram semelhantes, mas o conteúdo foi o “Realismo”. Para introduzir o tema, apresentei uma citação de Amaral (2010, p. 144). Para o autor, as obras realistas são:

[...] obras modelares no panorama de nossa literatura, pois, apesar de serem muito diferentes, apresentam um traço comum: o triunfo da observação da realidade. Por meio delas, o romance brasileiro ultrapassa a função de entretenimento para assumir mais explicitamente a vocação de desvendar as contradições sociais do país.

Nas aulas, houve interação entre os estudantes, em uma genuína sistematização do conhecimento. A avaliação do desenvolvimento do alunado foi positiva, efetivada pelas considerações tecidas por todos, após a leitura explicativa dos conteúdos e tendo em vista as colocações, foi importante contextualizar a direção de estudo e aplicar uma adequação do conteúdo tratado, para com a realidade do alunado. As aulas foram bem desenvolvidas, e alcançaram os devidos objetivos. De acordo com as perspectivas ressaltadas, a literatura, no momento histórico referente ao conteúdo abordado, foi redimensionada para outro nível interpretativo. Os anseios sociais e peculiares da natureza humana foram relatados de forma mais crítica e muito descritiva.

O conteúdo “Realismo” foi trabalhado de forma a destacar a intensidade de informações que constituem uma obra que se enquadre nesta escola literária. A riqueza de detalhes, e a densidade de obras denominadas realistas. O conteúdo desta escola literária é muito pertinente, e exploração da palavra “Realismo foi efetuada, e “*o que é ser realista?*”, e a partir daí surgem os levantamentos de conhecimentos prévios e também a curiosidade, até ser bem exposta a definição de Realismo, para a Literatura, e suas características, dentro de uma aula explicativa, seguida por diálogo e exercício de fixação.

No que se refere ao público alvo da turma, este se apresentou diversificado, abrangendo adolescentes, e pessoas adultas com idade mais amadurecida. Os estudantes interagiram bastante durante o período de aulas, respondendo a questionamentos, e dialogando sobre os estudos abordados, e a finalização com a dinâmica arrematou o cenário de aprendizagens com êxito.

7. Com a palavra alunos e professor

Esse estudo buscou retratar o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Professor e aluno dão vozes à educação e estes interagem mutuamente na constituição do saber educativo, e deste modo é essencial saber as impressões que marcam a experiência desses sujeitos.

A pesquisa aplicada na Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho serviu para constatar as implicações mais diretas acerca das dificuldades e dos êxitos que rondam o ensino de Língua Portuguesa, essencialmente em nível médio e também técnico, visto que os profissionais que terminavam o Ensino Médio nesta escola eram considerados aptos para atuarem em esferas educativas. Formar educadores é uma tarefa estritamente delicada e importante, principalmente ao que concerne ao nível técnico.

Tive a satisfação de estudar nesta Escola Normal, em que a pesquisa foi aplicada. Essa instituição pôde ser um laboratório rico para debates, pesquisas e oficinas que sempre prezaram por um êxito substancial. No período em que estudei na Escola Normal Cassiano Ribeiro Coutinho, o curso técnico em nível médio, para educador de Ensino Fundamental e Educação Infantil, o que propiciou a mim, uma experiência intensa de estudos e estágios, percorridos no decorrer de quatro anos letivos. Ensinar crianças não é uma tarefa fácil, essencialmente nos dias atuais, de múltiplas informações, e às vezes desconstruídas em um emaranhado de informações e até mesmo desinformações desconexas. Atualmente, as crianças, cada vez mais cedo, têm um acesso intenso às redes sociais, e isso nem sempre é algo proveitoso, de acordo com a distribuição de conhecimentos negativos e equivocados até mesmo propositalmente. A seguir será explanada a pesquisa desenvolvida na Escola Normal, citada anteriormente, apontando diretrizes que proporcionem reverberações necessárias para a abordagem temática deste trabalho.

7.1 Abordagem e Análise de Pesquisa

No Ensino Médio, enquanto estudei na Escola Normal, tive bons professores na disciplina de Língua Portuguesa que me propiciaram bons momentos de estudos e pude chegar ao ponto de desejar ingressar na carreira como professora de Língua Portuguesa para atuação em nível Fundamental e Médio, mesmo sabendo que as dificuldades surgem em qualquer caminho, e quando se fala em educação não devem ser medidos esforços para sanar,

compreender e estudar maneiras de diminuir e amenizar as problemáticas que envolvem a prática do Português.

No dia 07 de novembro de 2017, na Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho, em uma turma de Ensino Médio, especificamente do 2º ano, foi aplicado um questionário objetivo, com questões de múltipla escolha para sabermos quais as dificuldades mais correntes na área de leitura e escrita em escolas públicas. Dez (10) alunos, na faixa etária de 15 a 16 anos, responderam ao questionário. Aplicamos também um questionário ao professor questionando-o sobre quais as dificuldades que seus alunos enfrentavam na área da leitura e da escrita.

A pesquisa realizada foi dividida em duas partes. Foi feito um questionário para o professor, e outro para os estudantes, com perguntas direcionadas especificamente às duas esferas, tendo perguntas contextualizadas para cada parte do estudo. A parte do questionário do professor solicitou dados sobre sua formação acadêmica envolvendo tempo de trabalho, e informações sobre sua carreira profissional. O professor colaborador para esta pesquisa foi denominado como X para preservação da sua identidade. O profissional em questão me recebeu cordialmente na escola, e se dispôs sem dificuldades a responder o material sugerido.

Apresentamos nos parágrafos a seguir as questões:

A primeira questão abordada foi a seguinte (1): "O que você mais gosta nas aulas de Língua Portuguesa?", as opções dadas oralmente, foram as seguintes: Ler gêneros textuais diversificados/ abordagem gramatical/ produções textuais. Para a primeira opção, cerca de 03 dos 10 alunos consultados, foram favoráveis a leitura de textos variados, quanto à Gramática, 03 apontaram ter interesse nas abordagens relacionadas a este item, enquanto 04 demonstraram ter um olhar especial para a parte de produção textual. O resultado foi bastante positivo e possivelmente equilibrado, visto que pareceu haver um nível de harmonia na descrição daquilo que tem um maior foco nos momentos de ensino-aprendizagem da turma, em questão, destacando a importância do desenvolvimento da escrita, o que influi diretamente com abordagens em provas de seleção, tendo o ENEM, como exemplo.

Questão número (2): "Quais os gêneros textuais que você mais lê na escola?" Em números, entre os 10 estudantes abordados, 02 assinalaram preferir a leitura de Literatura de Ficção, outros 02 disseram preferir contos, enquanto os gêneros textuais: Quadrinhos,

Crônicas, Poesias, Romance e outros, foram assinalados com 01 opção, respectivamente, entre os dez estudantes.

Quanto à questão de número (3): “*O que você pode fazer para ter menos dificuldades na leitura*” Basicamente 03 alunos assinalaram que poderiam ler mais textos, outros 04 afirmaram que poderiam prestar mais atenção nas aulas, e por fim outros (03) estudantes afirmaram “outros”, como resposta. A partir dessas respostas é perceptível enxergar que os próprios alunos destacam que uma apreensão de leituras depende de um nível de concentração eficiente em sala de aula, destacando a importância deste espaço educativo que é a sala de aula.

No tocante à questão de número (4) – “*Quais as principais dificuldades que você apresenta à escrita na escola?*” A resposta deste item foi dividida em três opções, com as devidas quantidades de assinalações: Ortografia (3), pontuação (3) e gramática (04). Através das respostas, entende-se que apesar de perceber a importância que os estudantes dedicam aos seus estudos em Português, existem as dificuldades, e é justamente a gramática que apresenta mais implicações, justamente é neste ponto que se percebe importâncias, e também dificuldades.

A questão de número (05) foi a seguinte: “*Quais são os gêneros textuais que você costuma escrever na escola?*”. A pontuação efetivada na pesquisa foi a seguinte: Romance (01), Contos (02), Resumo (03), Relatos de Experiência (02), Poemas (02). As produções textuais mostraram-se bastante diversificadas, e como gêneros mais produzidos, restaram os resumos, pela própria demanda do curso, por ser técnico, a nível Normal.

O fato de a escola ser de nível técnico, na modalidade de ensino Magistério, talvez tenha facilitado uma consciente valorização da língua materna. A Língua Portuguesa é um dos eixos da Educação e com relação a isto, foi bastante marcante o reconhecimento deste atributo pelos estudantes que afirmaram saber a complexidade e a necessidade da Língua Portuguesa, isto teve uma afirmação bastante uniforme. Pode-se concluir com esta pesquisa que os estudantes estão cada vez mais conscientes das necessidades e dificuldades da Língua Portuguesa, e isto é um avanço significativo que merece destaque. Quando há um posicionamento condizente dos discentes para com as atribuições que a educação deve favorecer, ocorre uma considerável ampliação da gama de possibilidades de ampliação de conhecimentos.

Para um balanço mais equilibrado da pesquisa, foram trabalhadas duas vertentes, uma com relação ao alunado, e outra referente ao professor, com identidade protegida, denominado professor X. O professor em questão, experiente para com o seu trabalho, já graduado há cerca de seis anos, mostrou-se competente e bastante realista para o com o exercício da prática docente. A experiência do professor, de acordo com a resolução do questionário, corresponde às duas esferas de ensino: particular e pública. A experiência do professor X diz respeito ao Ensino Fundamental, assim como o Médio. Ou seja, o tempo de experiência do professor foi dividido entre os dois níveis de ensino, fundamental e médio. O mesmo é devidamente graduado em Língua Portuguesa.

A seguir serão apresentados trechos da fala do professor, com relação à resolução do questionário. No primeiro quesito (1): “*Os seus alunos gostam de ler na aula de Língua Portuguesa?*”. De acordo com o professor: “Os alunos gostam de leituras relacionadas às suas vivências, com vocábulo jovem, e que os envolva”.

Quanto ao quesito que segue: (2) “*Quais os gêneros textuais que eles (os alunos) leem na escola?*”? O professor relata o seguinte: “O gênero, Conto é uma alternativa bastante escolhida pela turma. E há grande destaque para a literatura Infanto-Juvenil também, pois além de serem possíveis instrumentos de trabalho, em uma atuação com gêneros na escola campo, mostram-se bastante acessíveis aos jovens adequando-se à realidade deles”.

No tocante à questão três (3): “*Na sua opinião, quais as causas das dificuldades de leitura apresentadas pelos alunos?*”, o professor respondeu: “Existe a necessidade de ter uma biblioteca ampla e receptiva, como uma fórmula de escape para efetivação de uma prática leitora eficiente, visto que a prática da leitura é realizada com o acesso á obras diversificadas, a prática de leitura é algo que se aprende com foco, despertando interesses consistentes.”

Para responder a questão quatro (4), “*O que pode ser feito pelo professor para melhorar o desempenho dos alunos em leitura?*”, o professor segue afirmando o seguinte: “A abertura de uma biblioteca continua sendo a solução mais eficiente para incentivo à leitura, mais abrangente e efetivo”.

Quanto à questão cinco (5): sobre a escrita: “*Quanto à escrita, eles gostam de escrever?*”, a resposta foi a seguinte: “Costumam gostar, mas pode haver certa resistência entre alguns para produções mais extensas, enquanto outros têm um hábito constante de escrever, até mesmo para as atribuições da própria série”.

Quando perguntado sobre o item (6) “*Quais os gêneros textuais que eles leem na escola?*”, a resposta foi a seguinte: “Relatos de experiência, literatura de ficção, e contos estão entre os mais lidos diariamente na sala de aula”.

No tocante à questão sete (7): “*Quais as principais dificuldades que seus alunos apresentam na escrita?*”, o professor esclarece o seguinte: “As dificuldades existem, isto é óbvio, mas no processo de ensino-aprendizagem, o estudante pode errar, e ter suas dificuldades. É neste ponto que entra o desejo por acertar que deve superar qualquer insucesso. A gramática é uma dificuldade para alguns, enquanto outros gostam de trabalhar com ela. No tocante ao conteúdo, a interpretação para alguns pode exigir um trabalho mais denso, para outros alunos a situação pode ser diferente. E no tocante ao gênero textual, é preciso destacar a importância de incentivar nos estudantes leituras diversificadas que possam complementar os livros didáticos e os assistir nas aulas que os mesmos podem ministrar e nos estágios, por exemplo.” Em linhas gerais, o professor pontuou a necessidade de um acervo literário a ser disponibilizado aos discentes.

Esta pesquisa serviu como instrumento de estudo, para uma adequada visualização e contextualização do ensino-aprendizagem do Português, em busca de descobrir dificuldades e sucessos.

De acordo com a abordagem deste estudo, percebe-se o seguinte, teorias são necessárias para o ensino Português, mas, é preciso contextualizar o conhecimento, para que seja retratado com precisão o quadro que tantas teorias adornam. A prática de ensino deve refletir o foco fundamental de uma boa educação: o exercício constante de ação-reflexão sobre a prática educativa.

8. Considerações Finais

A educação brasileira atravessa uma fase delicada, ainda há muito a se concretizar. Existem lacunas que defasam o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, e isso é muito preocupante, para quem realmente se ocupa com os rumos da educação de nosso país. Problemas como o analfabetismo funcional, e em certos casos o escasso acesso de obras literárias impactam diretamente o bom aprendizado da Língua Portuguesa.

De acordo com o embasamento teórico adquirido e as experiências práticas absorvidas durante a vida acadêmica, é perceptível que a aquisição do letramento literário eficiente é base uma postura livre, crítica e dinâmica, capaz de consolidar eficazmente no processo de ensino-

aprendizagem. Não adianta simplesmente o professor requerer que seu aluno domine apenas aspectos gramaticais. É preciso tornar possível que ele domine um conhecimento literário significativo e relevante para a própria vida extracurricular, além dos muros da escola.

É clara a compreensão que o letramento literário, de acordo com os estudos dos autores citados, abrange muito mais que saber ler bons textos para provas específicas. Mas as compreensões de letramento genuínas vão muito além. Tocar o substancial é muito necessário. As construções literárias devem permitir reverberações inteligentes que permitam que o pensar adquira um novo ar, um sentido de aquisição de entendimento de mundo, em uma lente que possa ser ampliada, visionada e vivida com o gosto que a boa literatura fornece.

Saber ler implica em saber se posicionar diante das mais triviais situações com perspicácia e inteligência. Pelo que pode ser explanado neste trabalho, a própria escrita deve ser norteadada por práticas construtivas de leitura. O prazer pela leitura é indissociável da construção de uma mente construtiva e dinâmica que seja eficiente. As práticas de escrita são indispensáveis ao bom desenvolvimento pessoal e social, e a formação de escritores dinâmicos deve estar embasada nesta tendência de boas leituras. Ao decorrer dos estudos que foram propostos, compreendemos que os caracteres essenciais, ao êxito quanto às aquisições de leitura e escrita provém de uma prática conscienciosa e minuciosa que requer muito dos educadores. Estes devem sempre estar participando de formações continuadas. Por outro lado, políticas públicas devem ser viabilizadas, no sentido de oferecer aos professores melhores condições de trabalho, dada a importância do educador na sociedade.

De acordo com as leituras, foi perceptível o entendimento de que decodificar signos não é o suficiente para a edificação de uma boa educação de Língua Portuguesa, é essencial atribuir significância ao que se lê, visto que o aprendizado substancial é aquele que se transforma em concretização pessoal e cidadã. Através das perspectivas abordadas, é possível entender que não adianta “regrar” o conteúdo em um ritmo mecânico, mas é preciso reverberar as linguagens e saber interagir adequadamente com os saberes literários adequando-os à própria vida.

Através dos estudos foram constatadas como problemáticas, a escassa disponibilização de livros paradidáticos, e também a dificuldade em relação ao ensino de regras gramaticais, e ainda o desafio de proporcionar um ensino de literatura contextualizado coerentemente com a realidade de vida dos estudantes.

É preciso despertar o gosto genuíno pela leitura e ainda ressaltar a amplitude da escrita, valorizando-a. Seguindo a direção de estudo proposta neste trabalho, entende-se que para sanar a problemática citada nas linhas acima, é necessário levar em consideração a realidade social dos discentes, inserindo os estudantes em uma “teia” que una o cabedal curricular ao ser cidadão, como sujeito transformador nas múltiplas esferas de interação social que este esteja inserido. Além disto, as esferas governamentais necessitam em um curto período de tempo, reformular as estratégias de ensino de Língua Portuguesa, para uma efetiva transformação no cenário educativo, a nível nacional, de forma a expandir o acesso à bibliotecas e formações continuadas aos professores, que necessitem adequar sua experiência de trabalho. A educação de Jovens e Adultos também necessita estar incluída neste rol, tendo como prioridade a adequação dos conteúdos, por meio de metodologias e livros didáticos que coloquem os estudantes “dentro” dos conteúdos, e não o contrário. Quanto à EJA é importante não medir esforços, para que haja conforto em sala, como foi proporcionado na experiência de estágio, buscando traduzir os objetivos educativos através de uma explicação motivadora e realista capaz de acolher conhecimentos prévios e destacá-los como vertentes para discussão e interação.

Este trabalho propôs que é necessário um debruçar sobre teorias e práticas, e uma integração entre ambas vertentes, para proporcionar um ensino de Língua Portuguesa de qualidade efetiva. É interessante entender o conhecimento científico que reverbera intensamente sobre as vertentes de ensino a serem seguidas, mas também há a necessidade de integrar o olhar do educador para aquela necessidade pertinente à sua sala de aula, que cabe somente a ele identificar e trabalhar, a fim de suprir qualquer lacuna que apareça. Sendo assim, haverá espaço para a constituição de uma sintonia adequada no ensino de Português, que possa ser melhorada de acordo com as inovações de cada tempo e de cada contexto educativo.

9. Referências Bibliográficas

- AMARAL, Emília. **Novas Palavras**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 1ªed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/** Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação do Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais/** Secretaria de Ensino Médio - Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- CHALHUB, Samira. **A Metalinguagem**. São Paulo: Editora Parma LTDA, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. Identidade Linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: **Discurso e desigualdade social**. (Orgs.) BARROS, Diana Pessoa de. ; LARA, Gláucia Proença; LIMBERT, Rita Pacheco. São Paulo: Contexto, 2015.
- COUTO, Mia. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas /** Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999. — (Coleção tópicos).
- FREIRE, Paulo, 1921. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam /** Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- KOCH Ingedore Grunfield Villaço. **Desvendando os segredos do texto**, 1933. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PERINI, Mário Alberto. **Para uma nova gramática do Português**. São Paulo: Ática, 1985.
- PERROT, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.
- RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações /** organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. 1ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOUZA, Roberto Acízelo. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 2007.
- ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** .São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

ANEXOS

Questionário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO: LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Prezado professor, eu sou Amanda Roberta. Estou realizando uma pesquisa para elaboração do meu TCC (trabalho de conclusão do curso de Letras). Nesse trabalho procuro fazer uma reflexão sobre as principais dificuldades vivenciadas pelo professor de Língua Portuguesa no ensino de leitura e de escrita no nível fundamental II. Por isso, peço sua colaboração no sentido de responder esse questionário. E agradeço.

I- Dados do (a) docente:

1.1 Formação acadêmica

() Graduação em: _____

Ano do término do curso: _____

() Especialização em: _____

Ano do término do curso: _____

() Mestrado em : _____

Ano do término do curso: _____

() Doutorado em: _____

Ano do término do curso: _____

1.2. Tempo de Experiência com o Ensino de Língua Portuguesa

a) Nível Fundamental I: _____

b) Nível Fundamental II: _____

c) Nível Médio: _____

1.3 Instituição de Ensino:

a) Tempo de experiência de trabalho e nível do ensino público: _____

b)) Tempo de experiência de trabalho e nível do ensino privado: _____

Questionário sobre Leitura e Escrita no Ensino Médio

1. Os seus alunos gostam de ler na aula de Língua Portuguesa?

2. Quais os gêneros textuais que eles leem na escola?

() Conto () Crônica () Quadrinhos () Romance () Poesias

() Literatura de Ficção

b. Outros

3. Na sua opinião, quais as causas das dificuldades de leitura apresentadas pelos alunos?

4. O que pode ser feito pelo professor para melhorar o desempenho dos alunos em leitura? _____

5. Quanto à escrita eles gostam de escrever?

6. Quais os gêneros textuais que eles leem na escola?

- () Resumo () Relatos de experiências () Poemas () Sinopses
() Conto () Crônica () Quadrinhos () Romance
() Literatura de Ficção.

7. Quais as principais dificuldades que seus alunos apresentam na escrita?

a. No tocante à forma (ortografia, pontuação, gramática) _____

c. No tocante ao conteúdo

d. No tocante ao gênero textual

Questionário do Aluno

Escola: _____

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: _____ Idade do Estudante: _____

Questionário sobre Leitura e Escrita no Nível Fundamental

1 . O que você mais gosta nas aulas de Língua Portuguesa?

2. Quais os gêneros textuais que você mais lê na escola?

() Conto () Crônica () Quadrinhos () Romance () Poesias () Literatura de Ficção.

Outros

3. O que você pode fazer para ter menos dificuldades na leitura? _____

4. - Quais as principais dificuldades que você apresenta à escrita na escola? _____

5. Quais os gêneros textuais que você costuma escrever na escola?

Resumo Relatos de experiências Poemas Sinopses Conto
Crônica

Quadrinhos Romance Literatura de Ficção.